**Título:** Sobre o riso e a loucura

**Autor:** Hipócrates de Cós

**Nacionalidade:** grego

**Título original:** Corpus hippocraticum

**Copyright:** hedra **Categoria:** Filosofia da Grécia Antiga; Retórica

**Palavras-chave:** Literatura clássica; filosofia grega; psicologia; retórica; medicina

**Tradução:** Rogério Gimenes de Campos

**Número de páginas:** 84

**Dimensão:** 13,3x21cm

**ISBN:**

**Sinopse:**

*Sobre o riso e a loucura*, também conhecido como o *Riso de Demócrito*, narra uma suposta viagem de Hipócrates à cidade de Abdera para curar o filósofo Demócrito, que, rindo de tudo e de todos, é considerado louco pela população da cidade. A cena é cômica e trágica: Demócrito, no diálogo com Hipócrates, zomba da condição humana de seu tempo, especialmente da ganância e dos grandes vícios; ao mesmo tempo, o suposto louco se empenha, justamente, em escrever um tratado sobre a loucura, pondo tal noção em cheque: onde estaria a verdadeira loucura, na população, com seus vícios mundanos, ou em Demócrito, que se concentra na compreensão e na imperturbabilidade?

A invenção das Cartas é fruto de um exercício retórico acerca do encontro fictício entre os sábios, que, ao defenderem teorias fisiológicas distintas, nos apresentam por meio do campo dialógico criado um interessante retrato da melancolia. *Acerca da Arte [da medicina]*, publicado como apêndice, é uma apologia à arte médica. Diante de acusações céticas, que atribuem a cura à pura sorte, e os fracassos somente aos médicos, o tratado busca exatamente ampliar a dimensão da medicina para outras instâncias além do trabalho do médico.

**Sobre o autor:**

Hipócrates de Cós (Cós, 460--Tessália, 377 a.C.) é considerado o pai da medicina ocidental e criador da escola médica de Cós. Seu tratado *A Doença Sagrada* é um marco na história da ciência, uma vez que defende uma medicina racional que refuta a ideia de que a epilepsia era uma possessão divina. Segundo ele, o corpo não poderia ser contaminado por um deus, deixando de lado inúmeras crenças da medicina praticadas até seu tempo. Hipócrates relacionou as características climáticas e as enfermidades que atacavam o corpo no *Ventos, Águas e Lugares*, e seus *Aforismos* são conhecidos como uma grande síntese do seu pensamento.

Sua influência é tão ampla que até hoje os médicos, ao cabo de sua formação, pronunciam o famoso *Juramento de Hipócrates*, reverenciando os valores que a medicina hipocrática estabeleceu. O texto em questão é um documento pseudoepigráfico, ou seja, não foi escrito pelo punho do próprio Hipócrates, mas, uma vez que o seu vocabulário o circunscreve no período em que o próprio *Corpo Hipocrático* foi reunido, ilustra o pensamento médico e literário helenístico, a partir de um encontro entre Hipócrates e o filósofo Demócrito.

**Trechos da apresentação:**

Hipócrates de Cós (Cós, 460--Tessália, 377 a.C.), o pai da medicina grega, tem seu nome atado à coleção conhecida como *Corpo Hipocrático*. Embora nem todos os tratados dessa coleção estejam de acordo entre si, ela permanece como conjunto representativo da obra de Hipócrates, embora seja, na verdade, o conjunto de textos encontrados na biblioteca de sua escola em Cós. Esses tratados foram produzidos de fato em períodos diversos, compilados na época helenística e não podem ser considerados de Hipócrates em sua totalidade. Uma vez que o *Corpo Hipocrático* não transmite, pela natureza arbitrária da reunião, uma doutrina única e coesa da escola, ele permanece no tempo como uma ampla coletânea de textos heterogêneos. Mesmo assim, a coleção é uma verdadeira “biblioteca” na qual se encontram mais de 50 tratados que nos trazem informação ampla e variada. Não é por acaso que a coleção foi copiada e recopiada ao longo dos séculos, oferecendo importante documentação acerca da arte medicinal antiga.

As cartas presentes nesse volume, embora façam parte do multifacetado *Corpo Hipocrático*, não provém da pena do ilustre médico. Trata-se de um documento pseudoepigráfico acerca do pensamento médico e literário helenístico, uma vez que seu vocabulário torna possível circunscrevê-las nesse período em que o próprio *Corpo Hipocrático* foi reunido.

Émile Littré já havia traduzido todas as cartas, bem como todo *Corpo Hipocrático*, na segunda metade do século XIX, cartas estas que já circulavam anteriormente em cópias gregas e latinas. Yves Hersant, por sua vez, mais de um século depois de Littré, optou por recortar sua tradução entre as cartas 10 e 17, oferecendo um caráter temático à edição. Esse recorte evita que o leitor conheça a descontinuidade das cartas, bem como os hiatos que se somam e que provocam alguns ruídos no conjunto da narrativa.

Optamos, como Hersant, por partir da carta 10, mas não o seguimos em seu talho final, na carta 17. Chegamos nessa tradução até a carta 21, pois consideramos importantes algumas informações provenientes do intervalo de 18 a 21. Esse complemento tornou-se relevante para o trabalho de tradução, fornecendo alguns indícios pelos quais provavelmente o intervalo entre as cartas 17 e 21 não fez parte da tradução de Hersant.

As cartas de 19 e 21 são resumos de tratados de medicina, mas sem a autoridade e a qualidade dos grandes escritos hipocráticos, sendo apenas um parco esboço de uma correspondência fictícia entre os dois pensadores. Quando começa a “correspondência” entre eles, o enredo encontra o seu desfecho, e isso não é de se espantar, pois o exercício gira mesmo em torno da invenção de um lugar ficcional (*topos*) a partir do qual esse conjunto de cartas pudesse se desenvolver. As cartas podem ter sido usadas na educação de filósofos, oradores e médicos, alertando para que não se deixassem levar pelo engano, como o Hipócrates das cartas, para que se aprofundassem na ciência sem se afetarem pelas opiniões ou aparências, uma vez que a medicina, assim como a filosofia, deve ser capaz de pesquisar e descobrir as causas não evidentes, deve ser capaz de desenvolver uma visão intelectual.

**Trechos do livro:**

Bem aventurados são os povos que percebem que os homens bons são as suas próprias defesas, não as torres, nem muros, mas os úteis conselhos desses homens sábios. Eu estou convencido de que as artes são graças provenientes dos deuses, ao passo que os homens são frutos da natureza, e não se sintam exacerbados, homens de Abdera, pois não são exatamente vós que me chamam, parece que foi a natureza mesma quem me demanda salvar sua própria obra, para livrá-la do risco causado pela doença. **Eu me prontifico, ouvindo não só o chamado de vocês, mas, antes, da natureza e dos deuses, para curar a doença de Demócrito, se é que de fato ele está doente. Isso tudo pode ser uma nuvem que vos engana, como eu espero que seja.**

[...]

Muitos homens não elogiam a arte medicinal, ó Demócrito, pois atribuem seus benefícios unicamente aos deuses. Quando, por outro lado, a natureza se opõe e o paciente morre, eles passam a detratar os médicos, negligenciando a interferência dos deuses. Parece-me que a arte foi escolhida para ser detratada em vez de honrada; eu mesmo não cheguei à completude na arte medicinal, ainda que me encontre bem velho. Nem mesmo Asclépio, seu inventor, chegou à completude, uma vez que em muitos pontos ele entra em desacordo consigo mesmo, segundo os tratados que chegaram até nós. **A carta que recebi de ti detratava minha prescrição do heléboro como fármaco. Fui levado, ó Demócrito, a prescrever heléboro para um homem “louco”, sem adivinhar exatamente de quê padecias. Depois de nos encontrarmos, não considerei, por Zeus, que sofrias de nenhum desvio intelectual, mas que tudo que fazias estava de acordo com a natureza, de modo que considerei, naquela ocasião, que eras o melhor intérprete da natureza e do universo. Então, detratei os que me acompanhavam, eles sim estavam loucos e precisavam de um fármaco.**

[...]

Parece-me que toda arte existe e que nenhuma delas seja inexistente, pois é absurdo considerar a inexistência de algo que, evidentemente, existe. Alguém, então, poderia, referindo-se ao que não existe, anunciar ter contemplado alguma essência existente? Se acontecer de vermos o que não existe, tal qual o existente, não sei mais como o demonstraríamos como não existente. Algo que foi visto pelos olhos e entendido pelo pensamento como existente. Não seria dessa forma. Há coisas que sempre são vistas e reconhecidas, outras, por outro lado, que nunca são nem vistas nem reconhecidas. Dizemos serem reconhecidas essas demonstrações das artes, mas não existe [uma arte] que não seja vista por meio de alguma forma. Creio que os próprios nomes tenham sido atribuídos por meio das formas. É absurdo e impossível acreditar que as formas brotem dos nomes. Os nomes são estabelecidos pela convenção, enquanto a forma brota da natureza.